

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

DIÁCONOS: PARA ONTEM E HOJE (PRIMEIRA PARTE)

Deacons: for yesterday and today (part one)

Me. Erich Luiz Leidner

RESUMO

A igreja local na atualidade passa por diversas mudanças, influenciada por movimentos e por contextualizações, procurando cumprir a sua missão de forma mais eficiente possível. É de responsabilidade dos líderes da igreja examinar cada momento e verificar o que a sua comunidade necessita. Ser igreja de Jesus Cristo, submissa a Ele, cumprindo os seus propósitos, inclusive como liderança, é o grande desafio. Não deixar levar-se por modismos, nem permanecer estático, receosos de enfrentar a mudança. Para isto existe a liderança estabelecida pela Bíblia e que, quando esta ocupa o seu lugar segundo o ensino, a igreja será próspera e fará o seu papel na sociedade. Os

¹ O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista de São Paulo, com convalidação de Diploma pela Faculdades Batista do Paraná. Tem especialização em Gestão Eclesiástica pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras, de Curitiba, PR. Mestre em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Capelão e Professor na Faculdade Batista Pioneira, Secretário da Ordem dos Pastores Batistas - Seção Pioneira, e atua como Capelão na Associação Batista de Beneficência Tabea. Casado com Margareth, pai de Esther e Elizabeth. E-mail: elleidner@pioneira.org.br

diáconos são escolhidos para isso.

Palavras-chave: Diáconos. Serviço. Igreja. Liderança.

ABSTRACT

The local church nowadays undergoes several changes, influenced by movements and contextualizations, seeking to fulfill its mission in the most efficient possible way. It is the responsibility of church leaders to examine each moment and check what their community needs. Being a church of Jesus Christ, submissive to Him, fulfilling His purposes, inclusive as leadership, is the great challenge. Do not let go of fads take place, or remain static, afraid to face the change. For this there is the leadership established by the Bible and that when it occupies its place according to the teaching, the church will be prosperous and will play its part in society. Deacons are chosen for this.

Key-words: Deacons. Service. Church. Leadership.

INTRODUÇÃO

Servir na igreja de Cristo sempre é um desafio. Mas é também a razão de existir de cada membro da Igreja. A pessoa que recebe de Jesus a nova vida, pela ação do Espírito Santo, tornando-se filho de Deus, é ligada ao Senhor pela relação de serviço. Este, por sua vez, o serviço, não é prestado por obrigação, mas como resposta à oferta de nova vida recebida pela fé.

O maior exemplo de serviço é o do próprio Senhor Jesus. Disse que veio para servir e não ser servido, e exemplificou isto em cada dia de seu ministério: curando, alimentando, instruindo, expulsando demônios, e tantos outros gestos, culminando com o lavar os pés de seus discípulos. Após ter lavado os pés de todo o grupo, acrescentou que, assim como Ele fez, deveriam eles fazer também. Não há dúvidas de que este é o grande imperativo da igreja local: seguir a Jesus em seu exemplo.

Para isto, a Igreja recebeu a incumbência de, dentre os seus membros, escolher os supervisores deste trabalho. São os presbíteros/bispos, também identificados mais comumente como pastores, e os diáconos. É bem verdade que todos os membros são chamados para o ministério, pelo exercício de seus dons. Os assim chamados oficiais são escolhidos pela igreja para realizarem trabalhos específicos. Esta escolha segue um padrão estabelecido pela Palavra de Deus. Jamais deverão ocupar estas funções pessoas que se autopromovem.

Este serviço também não é feito para promoção pessoal, nem por dominação e jamais para enriquecimento próprio. Quem assim age, o faz em rebeldia ao Senhor da Igreja.

Em sendo Deus o Senhor da Igreja, aqueles que servem como oficiais na igreja estão cientes da prestação de contas sobre o trabalho realizado junto às pessoas que lhe são confiadas. Esta consciência traz para o ministério uma responsabilidade e um peso muito maior, de tal modo que são poucos que procuram fazê-lo com todo zelo. Cumprir com a sua função pensando no dia de comparecer diante do trono do Senhor da Igreja, é uma responsabilidade, mas um privilégio sem igual.

Entre os oficiais, além de prestar contas, não há subordinação nem entre os cargos, nem entre a liderança e povo. Isto está posto pelo ensino do sacerdócio universal. A hierarquia que existe é a entre o Senhor Jesus e todos os seus servos, incluindo pastores e diáconos. A função que estes ocupam lhes incumbe também a de ser exemplo de vida cristã para todos os demais membros, de tal modo que haja sempre aqueles dispostos a servir também.

Há uma distinção entre as funções. Não é objetivo deste trabalho detalhar a função do pastor, que já possui inúmeros materiais publicados. A análise da função do diácono é a prioridade, mostrando o seu surgimento e a sua necessidade na igreja local dos dias atuais. O assunto não será esgotado neste trabalho. Haverá o seguimento na próxima publicação. O que aqui está posto serve para estimular o interesse pelo tema e a busca do cumprimento desta parte importante na igreja local: o de suprir a liderança de pessoas capacitadas e qualificadas para a função de diácono.

1. SOBRE A LIDERANÇA NA IGREJA LOCAL

1.1 PONDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE AS FUNÇÕES

Para falar sobre Diáconos, é necessário ter em mente alguns fatores que são imprescindíveis na eclesiologia, sem deixar de lado a compreensão de que há a Igreja universal e a comunidade local, descrita como a parte visível do Corpo de Cristo.² Um bom empreendimento leva em conta a sua liderança,

² GRUDEN, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo, Vida Nova. 1999. “A igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos” (p. 715). Em sua realidade verdadeiramente espiritual como a comunidade de todos os cristãos genuínos, a igreja é invisível. A igreja

coordenação, as pessoas que levam o processo adiante. Assim também na igreja local. E por isso não é em vão que as Escrituras estabelecem princípios para a direção do trabalho na igreja. Por exemplo, há descrição de Atos 20, ocasião em que o apóstolo Paulo se despede dos irmãos de Éfeso e orienta de forma específica os líderes. Outro texto clássico é o de I Coríntios 12. 27-31, no qual o Apóstolo reforça a figura de corpo da Igreja, e descreve alguns dos dons importantes para a condução da comunidade local. Ainda nos escritos de Paulo tem-se o texto de Efésios 4.11-13, mencionando funções que, dentro da liderança da Igreja, levam os demais membros para o amadurecimento e desenvolvimento na vida cristã. Nesta mesma linha de argumentação, o Apóstolo Paulo orienta a seus discípulos Timóteo e Tito, com base numa análise criteriosa da vida dos membros da igreja, cujos parâmetros ele mesmo reinterpreta a eles em suas cartas, a estabelecer líderes para o bom andamento das comunidades cristãs em cada cidade.

Além do apóstolo Paulo, o autor aos Hebreus menciona a liderança da igreja local, especialmente no capítulo 13, com uma forte recomendação de que os cristãos devem seguir os seus líderes, ao mesmo tempo que estes devem exercer o seu papel de tal modo conscientes da prestação de contas diante do Senhor da Igreja.

Deus conferiu à sua igreja leis de vida espiritual, as quais temos de observar. Faz parte delas que o Senhor chama para si, dentre a sua igreja, pessoas às quais ele impõe uma medida especial de responsabilidade e às quais ele pode confiar a condução de sua igreja. Ser líder e pastor significa ser exemplo na fé (v. 7) e pregador da palavra de Deus. No entanto, inclui também a necessidade de que um dia este guia terá de prestar contas perante Deus pelas pessoas que lhe foram confiadas. Neste sentido, Tiago nos adverte: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1)! Contudo, não há na igreja responsabilidade maior para o indivíduo se a respectiva pessoa não receber uma proporção mais intensa de autoridade. Por isto, os dirigentes podem reivindicar a obediência dos membros da igreja. A boa ordem e subordinação fraterna

invencível é a igreja como Deus a vê. Por outro lado, a verdadeira igreja de Cristo certamente tinha também um aspecto visível. Podemos usar a seguinte definição: A igreja visível é a igreja como os cristãos a veem na terra. Nesse sentido a igreja visível inclui todos os que professam fé em Cristo e dão provas de tal fé na vida (p. 715-717).

não somente têm efeitos benéficos na situação atual da igreja, mas significam uma bênção eterna para todos os participantes.³

Este é um aspecto que nem sempre é levado em conta pela liderança da Igreja local, o da prestação de contas. Conforme o apóstolo Tiago menciona, “Meus irmãos, muitos de vós não devem ser mestres, sabendo que seremos julgados de forma mais severa” (3.1), esta liderança tem o ônus de responsabilidade aumentado, com vistas a esta prestação de contas pelas vidas confiadas. O apóstolo Pedro não fica de fora destas asseverações a respeito da liderança da Igreja, mencionando em sua Primeira Carta a postura esperada daqueles que são colocados em posição de liderança na Igreja. Ele afirma literalmente: *“pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós, cuidando dele não por obrigação, mas espontaneamente, segundo a vontade de Deus; nem por interesse em ganho ilícito, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho. Quando o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imperecível coroa da glória.”* (I Pedro 5.2-4). Comentando este texto, Uwe Holmer refere-se ao seguinte:

A incumbência aos anciãos é: Apascentai o rebanho de Deus entre vós! A metáfora do pastor e do rebanho é usada com frequência na Bíblia (sobretudo em Ez 34 e Jo 10). O verdadeiro pastor de seu povo é o próprio Deus (cf. 1Pe 2.25), enquanto as pessoas incumbidas da direção são pastoras por incumbência de Deus. Em consonância, a igreja é rebanho de Deus. Nunca seres humanos podem ter direitos sobre ela, nem mesmo quando nela trabalharam laboriosa e fielmente como pastores. O fato de ela ser rebanho de Deus é que torna o serviço nela tão cheio de responsabilidade. Assim como no AT, também no NT Deus confiou o serviço de pastor a pessoas, “supervisores” (At 20.28), pastores (Ef 4.11) e anciãos (ou “os mais velhos”). Pelo fato de Pedro não diferenciar claramente entre “anciãos” e “mais velhos”, nenhum dos mais velhos pode transferir a responsabilidade pelo rebanho aos “anciãos”. Cada um deles possui perante Deus uma responsabilidade pela igreja.⁴

Portanto, estabelece que a liderança na igreja local tem como foco a grande

³ LAUBACH, Fritz. **A Carta aos Hebreus**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2000, p. 134.

⁴ HOLMER, Uwe. **Primeira Carta de Pedro**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2008, p. 67.

necessidade de ver os seus liderados, os membros da igreja, não como um grupo a ser gerenciado, no sentido mais amplo da palavra, mas no cuidado pessoal, individual, que não deixa de refletir na influência sobre o grupo como um todo. Holmer acrescenta, que

A tarefa dos pastores consiste em **apascentar**. O foco está nas necessidades do rebanho. Apascentar é regido pela pergunta: de que a igreja precisa para um bom desenvolvimento e para ser protegida de perigos? Um verdadeiro pastor pode se esquecer de seus próprios interesses por causa das carências do rebanho e de cada uma das ovelhas que lhe foram confiadas, e o mesmo vale para um ancião no tocante à igreja que lhe foi confiada.⁵

O pastor, ou líder, independentemente da nomenclatura ou escala hierárquica⁶, sabe que a sua posição na igreja é uma posição que o coloca em destaque diante dos outros, o que lhe traz ameaças e perigos, conforme Holmer afirma:

O serviço do pastor é ameaçado particularmente por três perigos: pela falta de disposição, por ganância e pela avidez de poder. Com as palavras não por obrigação, mas espontaneamente, conforme Deus, Pedro refere-se à falta de disposição para cooperar. Há uma forma de cumprimento do dever que não traz alegria para ninguém. “Não obrigado” significa, então, realizar o serviço não porque isto é esperado, mas de livre e espontânea vontade. Voluntariamente, ou “disposto”, “por livre iniciativa” refere-se à iniciativa pessoal, ser cativado e impelido pela seriedade e magnitude do serviço. Quando a vontade de Deus determina a vontade dos “mais velhos”, eles agem de forma espontânea, mais precisamente conforme Deus. Schlatter traduz: “em vista de Deus”. De qualquer modo, visa-se expressar que qualquer serviço de pastor depende de Deus. E mais uma advertência: nem por interesse em ganho ilícito, mas de boa vontade. É verdade que Jesus dissera: “porque digno é o trabalhador do seu salário.” (Lc 10.7). Será que os anciãos recebiam pagamento já nos tempos do NT? Seja como for, é grande o perigo de

⁵HOLMER, 2008, p. 67.

⁶Não é objetivo deste trabalho discutir a validade ou não da existência de hierarquia na liderança da igreja local. Mesmo que existam funções diferentes, com responsabilidades determinadas pela igreja em assembleia por meio de instrumentos legais como o Estatuto, no âmbito espiritual e bíblico esta escala de maneira nenhuma confere privilégios ou vantagens, pelo contrário, responsabilidade e serviço.

buscar nesse serviço primeiramente a vantagem pessoal. Isso contamina o coração e o serviço. Os anciãos, como bons pastores, devem estar realmente empenhados pelo rebanho, tendo em vista o bem das ovelhas, e não mirando a lã delas. O significado básico do termo grego *prothymos* (= disposto), expressa: inclinado, com simpatia, com dedicação, com zelo, com gosto. O bem e as angústias dos outros ocupam, portanto, o foco, e o motivo é a determinação de servi-los.⁷

Trazer esta questão para a discussão neste artigo tem como objetivo conscientizar a liderança da igreja local sobre este aspecto do servir, tendo em vista que na realidade eclesial brasileira tem-se difundido fortemente a ideia errônea da “cobertura espiritual”, na qual um líder tem a proeminência e a capacidade proteger o seu liderado de ataques do inimigo.⁸ E por outro lado, há aqueles que se denominam como “apóstolos”, chamando para si próprios autoridade e expressando sórdida ganância, às custas de seus liderados.⁹ Existem ainda outras exteriorizações que são contrárias às Sagradas Escrituras. Por isso, segue uma breve análise do comportamento e da vivência do Senhor Jesus, enquanto aqui na terra, ensinando e orientando os Seus discípulos.

1.2 JESUS COMO LÍDER SERVIDOR

Em questão de liderança e administração, um dos grandes nomes nos últimos tempos é Peter F. Drucker¹⁰. Em um de seus livros, conta a seguinte situação:

Quando tinha treze anos, eu tive um grande professor de religião, que certo dia foi perguntando a cada um dos garotos na classe: “Pelo que você quer ser lembrado?” É claro que nenhum de nós foi capaz de dar uma resposta. Então ele sorriu e disse: “Eu não esperava que vocês pudessem responder a essa pergunta. Mas se vocês ainda não puderem respondê-la aos cinquenta anos, terão desperdiçado as suas vidas.¹¹”

⁷ HOLMER, 2008, p. 67.

⁸ Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/a-polemica-da-cobertura-espiritual>. Acesso em 17.07.2017, às 12.30h.

⁹ Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com.br/2008/05/os-apstolos-brasileiros-contemporneos.html>. Acesso em 17.07.2017, às 12.40h.

¹⁰ Mais detalhes sobre a trajetória de Peter F. Drucker, consulte: https://www.ebiografia.com/peter_drucker/.

¹¹ DRUCKER, Peter F. **Administração de organizações sem fins lucrativos**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1994, p. 145.

Quem já não leu algum artigo ou livro, ou mesmo assistido a um documentário ou filme em que o Senhor Jesus é identificado como um grande líder? Hábil em suas relações, assertivo em suas explicações ainda que em temas difíceis e, formador de liderança, tomando um grupo de homens, em grande parte rudes, e transformando-os em agentes de transformação no mundo. Jesus é lembrado mesmo por aqueles que não professam a sua fé como sendo Ele o Filho de Deus. A influência de Jesus como líder é reconhecida e lembrada no mundo todo, e Ele nem mesmo precisou chegar aos cinquenta anos, como sugeriu o professor de Drucker.

A pergunta que se faz necessária é: o que Jesus fez como líder que o torna lembrado até hoje? O que é possível, e necessário, aprender com a sua vida e ensinamentos?

Há muito o que dizer sobre a liderança de Jesus, porém o que deve ser evidenciado são dois aspectos que refletem diretamente sobre a liderança da igreja local: humildade e serviço. Em Filipenses 2, entre outros textos que abordam o assunto, vê-se a referência à humildade e ao serviço de Jesus. O apóstolo Paulo declara de forma concisa o seguinte: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, que, existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz.” (Filipenses 2.5-8)

O texto no qual estes princípios são debatidos entre Jesus e os discípulos está em Mateus 20. O contexto é a oportunidade que a mãe de dois dos discípulos, Tiago e João, identificados como filhos de Zebedeu, pede a Jesus que os irmãos sejam agraciados com a honraria de cargos nobres no Reino de Jesus, que, na suposição dela, viria a ser instalado em breve. Na sequência, o grupo maior de discípulos, ao ficar sabendo disto, tem uma reação de indignação. Jesus, tomando a situação em suas mãos, passa uma lição muito importante para os discípulos na época, mas também para todos os postulantes à liderança na igreja. O Senhor diz: “Sabeis que os governantes dos gentios os dominam, e os seus poderosos exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se poderoso entre vós, seja esse o que vos sirva; e quem entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo, a exemplo do Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em

resgate de muitos.” (Mateus 20.25-28)

O que está em jogo nesta discussão entre os discípulos, provocada pela petição da esposa do Zebedeu, é o poder advindo de uma posição de liderança. Aliás, uma discussão atual entre os que almejam galgar postos dentro de uma hierarquia, seja ela eclesiástica ou não. Abordando este assunto, James Hunter apresenta três definições, uma para cada área, que exemplificam muito bem o que o Senhor Jesus afirmou ao seu grupo de seguidores.

Liderança: é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasmadamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum.

Poder: é a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer.

Autoridade: a habilidade de levar pessoas a fazerem *de boa vontade* o que você quer por causa de sua influência pessoal.¹²

Fica claro que a lição de Jesus a seus discípulos, não é no sentido que o líder da Igreja ocupe um cargo e exerça poder sobre as pessoas. Pelo contrário, deve servir aos demais como exemplo. Esta conversa entre Jesus e os discípulos, terá a sua “aula prática” logo na sequência, quando alguns dias depois o Senhor é crucificado, dando a sua vida “em resgate de muitos”. Assim, o líder de igreja, independente da função, não buscará vantagem pessoal, ou promoção individual pelo exercício da função, mas se dedicará intensamente em favor daqueles a quem dirige.

O texto que complementa esta perspectiva de liderança de Jesus está em Lucas 22. 27 “Pois quem é maior? Quem está à mesa ou quem serve? Não é quem está à mesa? Eu, porém, estou entre vós como quem serve.” Rienecker comenta este trecho afirmando:

O Senhor deseja que seus discípulos sejam diferentes dos reis e príncipes da terra. Quem de fato for o maior no reino de Deus, terá de ser como o menor, cuja tarefa consiste em servir (At 5.6,10). Jesus não veta qualquer diferença de categorias e cargos em seu reino. O Senhor de fato reconhece uma aristocracia dentro do grupo de seus seguidores, porém uma aristocracia da humildade. O Senhor não apenas exige humildade, mas a concretiza

¹² HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo**. 19.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 25,26.

através de seu próprio exemplo.¹³

Quantos problemas poderiam ser evitados, e situações embaraçosas transpostas nas Igrejas a estes princípios de humildade e serviço fossem seguidos. Ressalte-se que esta análise introdutória destas questões num trabalho que visa apresentar o serviço dos diáconos na igreja local, é acrescida de importância haja vista que tanto ministério pastoral quanto ministério diaconal são orientados por estes princípios. Não há subordinação de um ao outro; existe a cooperação mútua na execução da missão da Igreja na comunidade onde está inserida.

A Carta aos Filipenses apresenta, em sua parte introdutória, quando os remetentes são indicados, um exemplo bem claro daquilo que está sendo afirmado neste ponto. A carta é atribuída ao apóstolo Paulo, grande e experiente missionário, líder e plantador de igrejas, viajado e amadurecido pelas experiências da vida, e Timóteo, discípulo e iniciante na prática da liderança eclesiástica. Humanamente seria natural, diante de tal magnitude humana, prestar reverência diante de Paulo. O que muitos talvez fariam hoje, se o encontrassem. E Timóteo, o ajudante, simplesmente. Ao ler o texto bíblico, diz assim: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus” (Filipenses 1.1). Apenas isto. Tudo isto. Esta identificação dos autores da carta, sem expressar méritos específicos a um ou outro, revela a compreensão do princípio da humildade e do serviço por parte de ambos. A explanação de deBoor é esclarecedora a respeito:

Paulo até mesmo enfatiza o “a dois” de forma especial. Não escreve aqui, como faz em outras cartas (p. ex., Cl 1.1) “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, e Timóteo, o irmão”. Evita qualquer “título”, Paulo e Timóteo são resumidos como “escravos de Cristo Jesus”. Desde já isso confere à carta um aspecto confidencial e pessoal. Paulo não tem necessidade de sublinhar sua autoridade apostólica diante dos filipenses. Sem dúvida, também a expressão “escravos de Cristo Jesus” é mais do que mera declaração sobre a posição pessoal dos dois homens perante Jesus. Nem todos os membros da igreja que se tornaram “santos” numa guinada de sua vida e são, portanto, propriedade de Jesus, já são por isso seus “escravos”. O “escravo” serve e está integralmente à disposição do

¹³ RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Lucas**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005, p. 284.

serviço de seu Senhor com todo o seu tempo e todas as suas energias. Consequentemente, a designação “escravo de Cristo Jesus” se torna um título honorífico das pessoas que colocam a vida completamente a serviço de Jesus. Isso também conferirá um peso extraordinário à palavra deles.¹⁴

Diante disto, requer-se apresentar, ainda que de forma abreviada, uma visão essencial sobre igreja, justamente o ambiente no qual estes ministérios são exercidos.

2. O CAMPO DE AÇÃO

Algo comum é ouvir alguém referir-se a uma igreja local como: “a igreja do Pr. Fulano de Tal”, ou, “a igreja do Sicrano”. Estas identificações, em geral, têm a ver com a pessoa que a dirige, no caso o pastor, missionário, obreiro; ou à pessoa que a organizou, ou à família que iniciou a plantação daquela igreja. Pode ser uma referência inocente, uma simples indicação local; mas há muitos casos em que tal identificação tem uma forte relação com a pessoa que comanda aquele grupo, quando não uma série de igrejas locais. Tal atitude denota a influência, praticamente, o poder que a pessoa tem sobre os seus liderados. Este conceito vai no sentido contrário do ensino da Bíblia, em especial do Novo Testamento.

Há pelo menos oito referências no Novo Testamento que utilizam a expressão “igreja de Deus” (Atos 20:28; 1Coríntios 10:32; Gálatas 1:13; etc). Outra designação utilizada é “corpo de Cristo” (1Coríntios 12:27; Efésios 4:12). Entre outras designações. Jamais aparece uma identificação que se refira que a Igreja seja de uma pessoa. Há menção de que a igreja se reúne na casa de alguém, como, por exemplo, Romanos 16:5 - “Cumprimentai também a igreja que está na casa deles.” Ou, Filemom 1:2 - “à nossa irmã Áfia, a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa.”

John Stott, descrevendo sobre o texto de Atos 20.28 - “Portanto, tende cuidado de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, que ele comprou com o próprio sangue” - refere-se ao fato de que a supervisão da igreja pertence a Deus, e que a Trindade, por meio de cada uma de suas pessoas, executa esta

¹⁴ BOOR, Werner de. **Carta aos Filipenses**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2006, p. 34.

supervisão.

Primeiro, a igreja é igreja de Deus. Não fica claro se devemos ler “igreja de Deus” ou “a igreja do Senhor”. Em todo caso, a igreja é de Deus; ela pertence, em última análise, a Deus Pai.

Segundo, não fica claro se devemos ler que Deus a comprou “com o seu próprio sangue”, ou “com o sangue de seu próprio”, significando “por meio do sangue do seu próprio Filho”. Em ambos os casos, a igreja foi comprada com o sangue de Cristo.

Terceiro, para cuidar dessa igreja (que pertence a Deus e foi comprada por Cristo) é o Espírito Santo que designa os supervisores. Assim, a supervisão também é sua, ou ele não poderia delegá-la.

Essa é uma esplêndida verdade trinitariana acerca da igreja, isto é, que a Igreja pertence a Deus Pai, foi redimida pelo sangue de Cristo, seu Filho, e possui supervisores designados por Deus Espírito Santo.”¹⁵

Especificando esta explanação para o ministério, Stott amplia o seu conceito, afirmando que, em sendo a Igreja do Deus Trino, a liderança da igreja local é uma delegação àqueles que exercem o serviço na “casa de Deus”:

Esse fato deve nos tornar humildes. Embora talvez tenhamos o privilégio de ser líderes da igreja, ainda assim não é nossa igreja; é de Deus. Não temos o direito de propriedade sobre ela. Pode ser adequado a reis e rainhas referirem-se ao “meu povo”, mas duvido que algum momento seja adequado os pastores fazerem referência “à minha igreja”. Quando os coríntios desenvolveram seu culto à personalidade e diziam “Eu sou de Paulo” ou “Eu sou de Pedro”, Paulo os contradisse e reverteu deliberadamente a afirmação deles. “Todas as coisas são de vocês, seja Paulo, seja Apolo, seja Pedro” (I Co. 3.21,22). Em outras palavras, “vocês não pertencem a nós, nós é que pertencemos a vocês”. Para sermos coerentes, portanto, devemos nos referir à igreja de Deus a que fomos chamados para servir.”¹⁶

Portanto, qualquer líder de igreja, ou mesmo movimento e até um grupo de líderes que se apossa da expressão “minha igreja”, usurpa de Deus o domínio sobre a igreja. Esta é uma atitude egoísta e orgulhosa. Desvirtua o verdadeiro

¹⁵ STOTT, John. **A Igreja Autêntica**. Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2013, p. 79-80.

¹⁶ STOTT, 2013, p. 80.

sentido de ser igreja, levando os crentes a uma compreensão errada de submissão e serviço.

A compreensão correta, por outro lado, do entendimento sobre de quem é a igreja e o papel que as pessoas incumbidas de liderança exercem, resulta numa condução adequada dos membros da igreja, rumo à glorificação, por meio da edificação.

3. RAZÕES QUE JUSTIFICAM O DIACONATO NA IGREJA:

3.1 DA ESTRUTURA DA IGREJA

Postas as considerações iniciais, reconhecendo que a igreja é de Deus, e que há a necessidade de uma liderança local para conduzir o ministério, é mister que seja abordado de forma prática esta condução dos trabalhos na igreja. Para o bom andamento do ministério é necessário que uma organização, por mínima que seja, esteja presente. Observa-se que o descuido em pequenos detalhes da administração pode levar a prejuízos razoáveis, cuja recuperação é trabalhosa e desgastante.¹⁷

Dependendo da denominação, a estrutura e a forma de administração varia de uma para outra. Destarte, não se pode afirmar que esta ou aquela é certa, ou que uma seja bíblica e outra não. Kelly vai afirmar que “o quadro da organização das igrejas (no NT) é confessadamente incompleto.”¹⁸ O que pode ser apresentado é o que Gruden resume da seguinte forma:

As igrejas hoje têm muitas diferentes formas de governo. A Igreja Católica Romana tem um governo mundial sob a autoridade do papa. As igrejas episcopais têm bispos com autoridade regional e, acima deles, arcebispos. As igrejas presbiterianas dão autoridade regional aos presbitérios e autoridade nacional aos concílios. Todavia, as igrejas

¹⁷ Tendo trabalhado na restauração de igrejas locais que passaram por divisão e levadas por movimentos que centralizam em uma única pessoa toda a condução dos trabalhos, como se fosse um império, observo que é imprescindível que a administração da igreja local seja em colegiado, harmonizada com os propósitos da igreja como um todo. O mal que um líder pode causar na vida de uma pessoa a própria história mundial mostra o que aconteceu entre as nações. O desgaste espiritual e emocional causado por um líder autoritário na igreja pode ser tão profundo, que a pessoa jamais volte para a Igreja ou para os caminhos do Senhor. É um alerta extremamente importante, pois se trata da condução de pessoas, cujos reflexos são eternos.

¹⁸ KELLY, John N. D. **Epístolas Pastorais**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 23.

batistas e muitas outras igrejas independentes não têm uma autoridade oficial de governo além da congregação local, e a filiação a outras denominações é voluntária.¹⁹

A maneira como a igreja está estruturada vai refletir no seu desenvolvimento e no andamento de suas atividades. Hybels destaca que a vitalidade da igreja está intrinsicamente relacionada com a direção “por pessoas que, de forma humilde e devotada, forneciam a visão, a estratégia e a inspiração que possibilitavam que toda congregação frutificasse”.²⁰ Este pensamento tem a ver com o princípio do sacerdócio universal (I Pedro 2.9), que tem como base o fato de que todos os membros da igreja têm responsabilidade em conduzir os trabalhos, seja exercendo o seu dom, ou colocando o seu serviço ao dispor dos demais. Com o tempo, porém, a institucionalização foi ganhando espaço. Quanto a isso, Gonzáles afirma que

O sacerdócio universal foi ficando esquecido conforme o ministério ordenado veio a ocupar o lugar predominante na hierarquia da igreja. Foi Lutero, e a Reforma Protestante, que primeiro voltaram a ressaltar esse princípio da doutrina cristã – mesmo que o próprio Lutero, como a maioria dos reformadores, não encontrasse maneiras eficientes para que esse sacerdócio universal fosse uma realidade experimentada na vida da Igreja.²¹

Gruden afirma, com relação à forma de governo na igreja: “deve haver espaço para divergência amigável entre os cristãos evangélicos sobre essa questão”.²² O destaque aqui, então, vai para a denominação batista, uma vez que é o contexto deste trabalho.

Sendo assim, ressalta-se que a forma de governo dos batistas é congregacional. Ferreira e Myatt expõe que o governo congregacional é o

Governo por meio da Igreja local em conjunto. Essa forma de governo é adotada especialmente pelas igrejas batistas, congregacionais e por algumas igrejas pentecostais. Para esses grupos, a igreja local é a unidade básica, e nenhum ministro ou denominação exerce autoridade sobre ela. Todas as decisões são tomadas por toda a igreja, e o pastor ou presbíteros e diáconos se encontram num mesmo plano que os demais membros. Para os congregacionalistas,

¹⁹ GRUDEN, 1999, p. 758.

²⁰ HYBELS, Bill. **Liderança corajosa**. São Paulo: Vida, 2012, p. 25.

²¹ GONZÁLEZ, Justo L. **Breve dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 295

²² GRUDEN, 1999, p. 758.

Cristo é o único Cabeça da Igreja, e os primeiros batistas lutaram em favor do que chamaram de “os direitos soberanos do Redentor” sobre toda a comunidade.²³

Para que haja um bom andamento dos trabalhos, porém, há a necessidade de uma liderança estabelecida. Com relação aos batistas, Gruden afirma que estes “geralmente tem um pastor com um grupo de diáconos, mas algumas têm também um grupo de presbíteros.”²⁴ E mais adiante expressa que para

O funcionamento adequado da igreja exige que alguém seja reconhecido como tendo determinada responsabilidade. Se não fosse assim, muitas pessoas poderiam preparar sermões e todas reivindicariam o direito de pregar, e em alguns domingos ninguém estaria preparado para isso. Da mesma forma, para que imite os presbíteros e busque os seus conselhos, o povo precisa saber quem são.²⁵

Toda a estrutura necessita de avaliação e permanentemente deve ser observada se consegue alcançar os seus objetivos. Caso contrário, acaba engessando e, por vezes, se distanciando de seus objetivos, quando não se descontextualizando. E a estruturação pode levar a outro extremo que tende a afastar-se do conceito neotestamentário de igreja local. Para expressar este argumento, Sturz o coloca da seguinte forma:

Ao iniciarmos o século XXI, a tendência é pensarmos que a Igreja começa e termina conosco. Assim, qualquer estrutura que atenda às nossas necessidades é adequada para ser incorporada à nossa igreja local e prática. À medida que as igrejas ficam maiores, a estrutura congregacional tradicional baseada na prática das igrejas do Novo Testamento acaba em geral subordinada a outra que imita as estruturas corporativas de hoje. Os poderes de decisão são transferidos para um grupo pequeno e, na melhor das hipóteses, a congregação ratifica as decisões. É claro que isso é muito mais eficiente. Todavia, isso se torna um dos principais elementos que afastam os membros da participação ativa naquilo que a igreja é e faz.²⁶

Pode-se perceber desta colocação que a mesma corrobora com uma

²³ FERREIRA, Franklin. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 933.

²⁴ GRUDEN, 1999, p. 758.

²⁵ GRUDEN, 1999, p. 759.

²⁶ STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 597.

queixa por demais repetida nas igrejas, que é a que menciona o fato de sempre os mesmos fazerem tudo, ou as atividades ficarem concentradas num grupo restrito de pessoas. Estas, por sua vez, levantam a voz dizendo que têm dificuldades em encontrar pessoas dispostas a assumirem alguma responsabilidade na igreja. Uma resposta plausível a este embate é o que Sturz levanta quando diz que “Paulo lembrou aos efésios que Cristo concedeu servos capacitados para as igrejas a fim de que estes, por sua vez, treinassem os membros para que cumprissem o ministério até que todos alcançassem a maturidade em Cristo (Ef. 4.11-13).”²⁷

Assim, a estrutura nada mais é um meio de levar os crentes a se envolverem no ministério da igreja. A estrutura não é um fim em si. Por isso, sempre de novo surge a necessidade de avaliação e análise se os propósitos da igreja estão sendo alcançados. E quanto ao serviço do ministério, Deus como Senhor da igreja colocou as pessoas da liderança para esta supervisão. É o que Stott resume da seguinte maneira:

É necessário um reconhecimento bíblico básico de que Deus chama diferentes pessoas para diferentes ministérios. Então, as pessoas irão assegurar que o pastor seja liberado da administração desnecessária e os pastores irão assegurar que membros sejam liberados para exercer seus dons. É por meio desta liberação recíproca que a igreja prosperará.²⁸

3.2 O LUGAR DO DIÁCONO

A questão que se coloca na sequência é como nesta estrutura que ao mesmo tempo deve ser contextualizada com o tempo atual, buscando alcançar o povo e desenvolvendo os crentes que já estão na igreja, os diáconos podem realizar o seu ministério sendo relevantes para a igreja na sociedade atual.

Estão fora de debate as nomenclaturas e seus diversos significados, levando em conta que bíblicamente há a instituição dos supervisores da igreja (pastor/presbítero e diáconos). Muito já se tem escrito a respeito do ministério pastoral. Há abundante literatura comprovando a necessidade do pastor na igreja, sobre a influência do pastor, da vida pessoal e familiar do pastor, sobre chamado e mentoreamento de pastores. Ao mesmo tempo que

²⁷ STURZ, 2012, p. 597.

²⁸ STOTT, 2013, p. 72.

existe uma ampla lacuna sobre o ministério dos diáconos. O que fazem e por que fazem, quais as suas áreas de atuação e como são escolhidos. Para auxiliar no preenchimento desta lacuna, surgiu este trabalho.

Há uma distinção muito clara entre o que o pastor faz na igreja e o que os diáconos²⁹ realizam. Abordando este tema, Stott diz que “prestamos grande desserviço à igreja quando nos referimos ao pastorado como ‘o’ ministério, pois se usamos o artigo definido, damos a impressão de que pensamos que o pastorado é o único ministério que existe.”³⁰ Não se pode em nada depreciar o ministério de um em favor de outro. A questão não é essa. O que necessita ser observado é que os ministérios existem e são complementares. “A verdade é que *diakonia* é uma palavra genérica que significa ministério ou serviço. Ela carece de especificação até que acrescentemos um adjetivo – pastoral, social, evangelístico, missionário, médico, legal, educacional, administrativo, e muitos mais”, acrescenta Stott.³¹

A instituição dos diáconos é atribuída, em geral, a Atos 6, quando da escolha “dos sete”, diferenciando os mesmos “dos Doze”, os apóstolos. Esta escolha acontece justamente num momento “de inovação organizacional quando a jovem igreja cresceu tanto que os doze já não conseguiam supervisionar todos os detalhes da vida comunitária. Houve aí um distanciamento do padrão anterior, rumo à contextualização da liderança”³², afirma Sturz.

Admite-se que a compreensão do ministério dos diáconos na igreja é, até certo ponto, mal entendida e compreendida, enquanto que, de outro lado, está mesmo adormecido em muitas igrejas. Há aqueles que definem o trabalho dos diáconos como sendo a distribuição dos elementos da Ceia do Senhor. Outros, por sua vez, colocam os diáconos como sendo os recepcionistas dos eventos e cultos da igreja, quando não relacionados apenas com os atos de disciplina de membros da igreja. Este último conceito ficou muito claro quando, durante um retiro de jovens, o tema foi “Minha Igreja e Eu”. Durante o evento, os

²⁹ O termo “diáconos” sempre será usado no plural quando se referindo ao ministério que um determinado grupo de pessoas realiza na igreja, considerando que sempre haverá dois ou mais diáconos, enquanto que pastor pode haver um ou mais, e por certo período nenhum na igreja. Quando forem abordadas as características peculiares aos diáconos, o termo será usado no singular, pois é na análise de cada indivíduo particularmente que o mesmo será escolhido ou não.

³⁰ STOTT, 2013, p. 71.

³¹ STOTT, 2013, p. 71.

³² STURZ, 2012, p. 606.

jovens foram divididos em grupos, recebendo a tarefa de identificar os grupos de trabalho na igreja, nominar os seus líderes e descrever a missão de cada um. Assim um dos grupos ao definir a missão do “Corpo Diaconal” declarou bem convicto: “É a KGB da igreja!” Fazendo um paralelo entre os diáconos e a polícia secreta russa, da época da Cortina de Ferro,³³ referindo-se aos diáconos como aqueles que continuamente vigiam os crentes, em busca de deslizes.

À parte de conceitos transmitidos erroneamente e que levam a conclusões distorcidas, vale lembrar que “diácono” está ligada à palavra grega que significa servir, serviço, ou, aquele que serve. Em outras palavras, “deriva da pessoa de Jesus e do Seu evangelho. Fica sendo um termo que denota a ação amorosa em prol do irmão e do vizinho, que por sua vez é derivada do amor divino”³⁴, assim Hess. O mesmo concluiu a sua argumentação, dizendo que “esta conclamação ao serviço se torna obrigatória porque, por detrás dela há o sacrifício de Jesus, que ‘não veio para ser servido, mas para servir (Mc. 10.45, par.)’.”³⁵

Por estas constatações, geralmente, o ministério dos diáconos está mais relacionado à parte social da igreja, no atendimento aos necessitados e no suprimento material das pessoas. Mas não é este o ensino bíblico. O surgimento do ministério dos diáconos surge, então, com a escolha dos Sete, que, junto aos apóstolos, “são retratados como evangelistas disputando, ensinando e batizando lado a lado com eles”. A ideia de subordinação não está presente. Isto vem apenas em tempos pós-apostólicos.³⁶

A ideia de que os diáconos são como que uma segunda classe de liderança, subordinada aos pastores e bispos, não tem sustentação, e Sturz apresenta pelo menos quatro argumentos fortes de refutação, mencionando anteriormente que, ao Lucas registrar a escolha dos Sete em Atos 6, destaca uma “ênfase especial ao caráter espiritual deles.” Em seguida apresenta as anomalias com relação à tese de que os diáconos como sendo líderes de segundo nível. A primeira é de que nem mesmo em I Timóteo este conceito é apresentado, uma vez que Timóteo que é indicado para ordenar “bispos”, ele mesmo é um

³³ Definição de Cortina de Ferro: “Uma política de isolamento lançada pela União Soviética, depois da segunda guerra mundial.” Disponível em <https://goo.gl/YK283>. Acesso em 18.07.2017, 16:51h.

³⁴ HESS, K. Servir. In: COENEN, Lothar. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989, vol. 4, p. 451.

³⁵ HESS, In: COENEN, 1989, vol. 4, p. 451.

³⁶ KELLY, 1983, p. 82. STURZ, 2012, p. 618.

“diácono” (I Tm. 4.6). A segunda anomalia apresentada por Sturz é que o próprio apóstolo Paulo tem no termo ‘diácono’ o seu preferido para referir-se a si mesmo, usando-o pelo menos seis vezes neste contexto. Em terceiro lugar, aponta para o fato de que este termo não parece em Atos nem nas cartas gerais. Literalmente afirma: “os sete não eram líderes de segundo escalão, encarregados de obras de caridade, mas evangelistas trabalhando entre gregos de origem judaica”. E, por último, refere-se ao fato de que o termo aparece somente com Paulo, e isto em referência aos que pregam o evangelho, tendo como fonte as próprias palavras do Senhor Jesus (Mt. 20.26).³⁷

Dentro desta linha de pensamento, Teixeira deixa muito claro que

Os vários tipos de ministério não implicam que a vida cristã tenha dois níveis, correspondendo a algo vagamente parecido com “líderes” e o povo. A distinção comumente feita entre ministério especializado e o serviço dos leigos é funcional. Os que trabalham em tempo integral, qualquer que seja o título não estão acima dos outros, nem mais próximos de Deus, nem são mais importantes do que os membros de sua igreja.³⁸

Quanto ao que os diáconos realizam na igreja, qual a função deles, não é expresso de forma concreta no Novo Testamento, porém, pela descrição de suas qualificações, é possível identificar algumas de suas funções. Por isso, Grudem sugere como função dos diáconos: a) cuidado com as finanças da igreja; b) funções administrativas em outras áreas da igreja; c) atender as necessidades físicas dos membros da igreja e da comunidade; d) ministério de visitação; e) aconselhamento, inclusive com as esposas.³⁹ Olhando para estas funções, percebe-se a razão da escolha dos Sete em Jerusalém, e o porquê o apóstolo Paulo escrever a Timóteo dando orientações claras para a escolha do diáconos, levando em conta seriedade do ministério deles na igreja. Stott justifica o ministério dos diáconos, com relação aos pastores, afirmando “que é muito comum eles terem sua atenção distraída e até mesmo serem sobrecarregados pela administração”.⁴⁰ Isto implica afirmar que os diáconos são, e devem ser, levados à maturidade para tal, os que desempenham a parte espiritual da igreja que diz respeito mais à área administrativa. Esta é uma

³⁷ STURZ, 2012, p. 617-618.

³⁸ FERREIRA, 2007, p. 977.

³⁹ GRUDEN, 1999, p. 770.

⁴⁰ STOTT, 2013, p. 72.

justificativa por que o pastor não deveria ser o presidente da igreja, cuidando da parte da pregação e oração, isto é, do desenvolvimento da vida cristã dos membros, ao ponto de estes conduzirem a administração.

O resumo abaixo, de fonte e autor desconhecidos, expressa bem a razão do porquê ter o ministério de diáconos na igreja.

1. Assessorar os pastores – Os apóstolos sugeriram a eleição dos Diáconos, afim de que eles pudessem se dedicar mais à oração e à Palavra. Hoje, os pastores, além destas atribuições, são ou estão envolvidos em outras tarefas que precisam de auxiliares.

2. Promover a paz na Igreja – Uma das razões para a eleição dos Sete, em Jerusalém, foi por causa das murmurações. O Diácono perde todo o direito de promover qualquer divisão no seio da Igreja.

3. Promover o bem-estar dos crentes – Servir às viúvas dos helenistas! A ação social está bem presente no contexto das igrejas, tanto internamente quanto na sociedade em qual está inserida!

4. Testemunho mais eficaz da Igreja – Com o problema resolvido a Igreja em Jerusalém voltou a crescer! Com o cumprimento dos itens anteriores, a Igreja terá disposição e energia para investir no testemunho para com os que estão de fora.

5. Para reforçar a liderança – Fortalece a liderança, como uma equipe que trabalha unida com o propósito de conquistar novas fronteiras. Divide a carga! Hoje mais do que nunca, o conceito de equipe está bem presente em todos os níveis de liderança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja do Senhor Jesus que se identifica por meio de comunidades locais, independentemente da localização geográfica, é a responsável em levar o evangelho ao mundo e perpetuar o Reino de Deus até que o Senhor volte. Neste tempo, as igrejas locais cumprem com a sua missão junto às pessoas em seu entorno e além-fronteiras. A fim de que estes objetivos possam ser alcançados, algumas premissas necessitam ser cumpridas. A primeira delas é que a liderança da igreja local é exercida por pessoas altamente qualificadas espiritualmente. Isto inclui o reconhecimento de que a igreja não pertence a um grupo ou a uma pessoa específica, mas sim unicamente a Deus, expresso nas funções da Trindade.

A condução dos trabalhos da igreja local é realizada pelos supervisores estabelecidos pela Palavra de Deus. Presbíteros e bispos (pastores) e os diáconos. Antes mesmo de haver uma hierarquia faz-se mister entender que cada trabalho realizado na igreja é para o Senhor Jesus, e não a pessoas. Cada um que ocupa algum cargo na igreja, na verdade está ocupando uma função de serviço, serviço este prestado a Jesus e às pessoas, seja internamente na igreja, seja para a sociedade em geral. Com isso, fica praticamente impossível falar em hierarquia dentro da igreja. As designações são funcionais e não hierárquicas. Isto é importante ser compreendido tanto pelos pastores, quanto pelos diáconos e principalmente pelos membros da igreja.

Servir é a tônica do ministério na igreja, por que isto advém do próprio ministério do Senhor Jesus. Ele, enquanto esteve na terra personificou o modelo de servo. O Seu ensino e a sua forma de viver, sempre em prol das pessoas, demonstram como os líderes da igreja devem portar-se. O difere deste modelo está carecendo de uma volta, de um arrependimento e reconhecimento de mudança. Líderes que se usurpam do poder, aproveitando-se do povo em benefício próprio, andam fora da Palavra de Deus e em desacordo com os ensinamentos de Jesus.

Para que a igreja melhor consiga realizar a sua missão na terra, deverá cumprir também o ensino de Jesus com relação ao modelo de liderança, ou supervisores da igreja. Por isso, além de pastor, que conduz todo o ministério da palavra e do ensino, juntamente com a oração, a igreja terá o grupo de diáconos que estarão lado a lado com o pastor, ou os pastores, no exercício do ministério. Apenas quando este quadro estiver completo, o trabalho na igreja será bem sucedido. Cabe aos pastores ensinar as suas igrejas, e a estas escolher os membros aptos para o diaconato.

Na segunda parte deste artigo, serão tratados os aspectos relativos à qualificação dos diáconos, o exercício de seu ministério, a estruturação do corpo diaconal e a escolha dos mesmos pela igreja juntamente com o mandato.

Soli Deo Gloria.

REFERÊNCIAS

BOOR, Werner de. **Carta aos Filipenses**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2006.

DRUCKER, Peter F. **Administração de organizações sem fins lucrativos**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

FERREIRA, Franklin. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GONZÁLEZ, Justo L. **Breve dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

GRUDEN, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HESS, K. Servir. In: COENEN, Lothar. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989.

HOLMER, Uwe. **Primeira Carta de Pedro**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2008.

HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo**. 19.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

HYBELS, Bill. **Liderança corajosa**. São Paulo: Vida, 2012.

KELLY, John N. D. **Epístolas Pastorais**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

LAUBACH, Fritz. **A Carta aos Hebreus**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2000.

RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Lucas**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005.

STOTT, John. **A Igreja Autêntica**. Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2013.

STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

